

RELACIONAMENTO

1. A complexidade da intimidade

Amar é uma tarefa complicada. Na nossa sociedade, canta-se, escreve-se e fala-se do amor como um belo ideal por que todos aspiramos. Mas, enquanto Madonna canta as suas canções de amor, e filme atrás de filme nos dá a possibilidade de testemunhar as maneiras mais íntimas de fazer amor, a realidade do dia-a-dia é que a maior parte das amizades não dura muito, que muitos apaixonados não são capazes de ser fiéis um ao outro, que inúmeros casamentos arrefecem ou se desfazem e que muitas comunidades passam de crise a crise. Há uma imensa fragmentação no relacionamento humano. Se, por um lado, o desejo de amor nunca foi tão diretamente expresso, por outro lado, nas suas expressões diárias, o amor nunca pareceu tão vulnerável. Se, por um lado, na nossa sociedade ferozmente competitiva, a fome e sede de amizade, intimidade, união e comunhão são imensas, por outro lado, nunca foi tão difícil satisfazer esta fome e apagar esta sede.

A palavra fundamental em tudo isto é «relacionamento». Temos o desejo de acabar com o nosso isolamento e solidão e lançamo-nos numa relação que nos oferece uma sensação de acolhimento, uma experiência de pertença, um sentimento de segurança e de estarmos bem relacionados. Mas, sempre que aprofundamos um tal relacionamento, descobrimos depressa a dificuldade de estar perto de alguém e a complexidade da intimidade entre pessoas.

Quando nos sentimos sós e procuramos alguém para evitar a solidão, depressa experimentamos a desilusão. O outro que, durante algum tempo, talvez tenha sido ocasião duma experiência de totalidade e paz interior, bem depressa se revela incapaz de nos dar uma felicidade duradoura e, em vez de eliminar a nossa solidão, acaba apenas por nos confiar a sua profundidade. Quanto mais forte for a nossa expectativa de que um outro ser humano preencha os nossos mais profundos desejos, maior será o sofrimento quando tivermos que nos confrontar com os limites do relacionamento humano. E a nossa necessidade de intimidade depressa se torna uma exigência. Mas, logo que começamos a exigir amor duma outra pessoa, o amor converte-se em violência, as carícias convertem-se em ataques, os beijos convertem-se em dentadas, o olhar carinhoso converte-se em olhar de suspeição, o ouvir converte-se em não ligar e a relação sexual converte-se em violação.

Ao ver a intensa necessidade de amor e a explosão alarmante de violência tão intimamente relacionadas na nossa sociedade, somos confrontados com uma questão crucial: Qual é a árdua tarefa do amor?

2. Receber um chamamento juntos

O que quer dizer amar unia outra pessoa? O afecto recíproco, a compatibilidade intelectual, a atracção sexual, a partilha de ideias, um suporte comum, tanto financeiro como cultural e religioso, tudo isto podem ser factores importantes para um bom relacionamento, mas não são garantia de amor.

Uma vez encontrei dois jovens que queriam casar. Ambos eram bem parecidos, muito inteligentes, muito semelhantes quanto a background familiar e amavam-se perdidamente. Tinham passado muitas horas com psicoterapeutas qualificados para analisar o seu passado psicológico e para examinar diretamente. Os seus pontos fortes e fracos, no aspecto emocional. Pareciam, a todos os títulos, bem preparados para se casarem e terem juntos uma vida feliz.

Mesmo assim, fica a questão: Serão capazes estas duas pessoas de se amar mutuamente bem, não só por algum tempo ou alguns anos, mas por toda a vida? Para mim, que fui convidado a acompanhá-los, isso não era tão óbvio como para eles. Eles tinham-se estudado durante muito tempo e estavam certos de que os sentimentos de amor mútuo eram fortes; mas seriam eles capazes de enfrentar juntos um mundo em que há muito pouco apoio a um relacionamento duradouro? Donde lhes viria a força para serem fiéis um ao outro, em momentos de conflito, Pressão económica, angústia profunda, doença e perante infalíveis separações? O que significava para este homem e esta mulher amar-se COMO marido e esposa até a morte os separar?

Quanto mais eu refletia sobre isto mais sentia que o casamento é, acima de tudo uma vocação. Duas pessoas são chamadas em conjunto a cumprir a missão que Deus lhes confiou. O matrimónio é uma realidade espiritual. Ou seja, um homem e uma mulher juntam-se para toda a vida, não só porque Provam um profundo amor recíproco, mas Porque acreditam que Deus ama cada um deles corri infinito amor e os atraiu para serem testemunhas vivas desse amor. Amar é corporizar, digamos assim, o amor infinito de Deus numa comunhão fiel com outro ser humano.

3. Testemunhas vivas do amor de Deus

Todas as relações humanas, sejam elas entre pais e filhos, maridos e esposas, apaixonados e amigos, sejam elas entre membros duma comunidade, são para serem sinais do amor de Deus pela humanidade como um todo e por cada pessoa, em particular. Este é um ponto de vista pouco comum, mas é o ponto de vista de Jesus. Jesus diz: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei. É nisso que todos reconhecerão que sois meus discípulos» (Jo

13,34-35), E como é que Jesus nos ama? Ele diz: «Como o Pai Me amou, assim vos amei Eu» (Jo 15,9). O amor de Jesus por nós é a plena expressão do amor de Deus por nós, porque Jesus e o Pai são um. «O que Eu vos digo», diz Jesus, «não o digo de Mim mesmo, mas o Pai que está em Mim é que faz as obras. Acreditai que estou no Pai e o Pai em Mim» (Jo 14, 10-11),

Estas palavras, à primeira vista, podem parecer sobremaneira irrealis e mistificadoras, mas têm implicações diretas e radicais quanto à maneira de vivermos o nosso relacionamento diário. Jesus revela-nos que somos chamados por Deus a sermos testemunhas vivas do amor de Deus para nos tornamos testemunhas, seguindo a Jesus e amando-nos mutuamente como Ele nos ama. O que tem isto a ver com o casamento, a amizade e a comunidade? É que a fonte do amor que sustenta estas relações não são os parceiros em si mesmos, mas Deus que junta os parceiros. Amar-se reciprocamente não é agarrar-se uns aos outros de modo a encontrar segurança num mundo hostil, mas viver em conjunto de tal maneira que todos nos reconheçam como povo que torna o amor de Deus visível ao mundo. Não só provem de Deus toda a paternidade e maternidade, mas também toda a amizade, a camaradagem e o matrimónio bem como a verdadeira intimidade e comunidade. Quando vivemos como se as relações humanas fossem uma criação dos homens e, portanto, sujeitas às voltas e às mudanças dos regulamentos e costumes humanos, não podemos esperar nada senão uma imensa fragmentação e alienação que, de resto, caracterizam a nossa sociedade. Mas, quando proclamamos e reclamamos constantemente Deus como a fonte de todo o amor, então descobriremos amor como um dom de Deus ao seu povo.

4. Revelar a fidelidade de Deus

Todas as relações humanas, para serem autênticas, devem procurar a sua fonte em Deus e dar testemunho do amor de Deus. Um dos mais importantes atributos do amor de Deus é a fidelidade, Deus é um Deus fiel, um Deus que cumpre as suas divinas promessas e nunca nos desilude. Deus mostra a sua fidelidade para com Abraão e Sara, Isaac e Rebeca, Jacob e Raquel. Deus mostra a sua fidelidade para com Moisés e Aarão e para com o seu povo quando foge do Egipto para a Terra Prometida. Mas a fidelidade de Deus vai mais longe. Deus não só quer ser um Deus para nós, mas também um Deus connosco. Isso acontece em Jesus, o Emanuel que caminha connosco, fala connosco e morre connosco. Ao enviar-nos Jesus, Deus quer convencer-nos da inquebrantável fidelidade do seu amor divino. Mas há mais ainda. Quando Jesus parte, diz-nos: «Não vos deixarei órfãos... mas vou enviar-vos o Espírito Santo» (cf. Jo 14,18ss). O Espírito de Jesus e Deus dentro de nós. Aqui é revelada a plenitude da fidelidade de Deus. Por Jesus, Deus dá-nos o

seu divino Espírito, de maneira a podermos viver uma vida semelhante à de Deus. O Espírito é a respiração de Deus. É a intimidade entre Jesus e o seu Pai. É a divina comunhão. É o amor de Deus a atuar dentro de nós.

Esta Fidelidade divina é o cerne do nosso testemunho. Pelas nossas palavras, mas sobretudo pela nossa vida, devemos revelar a fidelidade de Deus ao mundo. O mundo não está interessado na fidelidade, porque a fidelidade não contribui para alcançar o sucesso, a popularidade e o poder. Mas, quando Jesus nos chama ao amor mútuo, como Ele nos amou a nós, chama-nos a relações fiéis, não baseadas nos interesses pragmáticos do mundo, mas sim na certeza do amor eterno de Deus.

A fidelidade, obviamente, não significa necessariamente estar sempre juntos, a todo o custo. Isso não é um reflexo do amor de Deus. A fidelidade significa que toda a decisão que tomamos em conjunto na vida deve ser guiada pela mais profunda consciência de que somos chamados a ser sinais vivos da presença fiel de Deus entre nós. E isso exige uma atenção aos outros que vai muito para além de qualquer obrigação formal.

5. Viver a aprendizagem em conjunto

O matrimónio é uma das maneiras de ser testemunha viva da fidelidade do amor de Deus. Quando um homem e uma mulher decidem levar a sua vida matrimonial desta maneira, a sua relação passa a ter um significado radicalmente novo. O seu amor recíproco, qualquer que seja o seu conteúdo emocional, torna-se uma expressão do facto de serem discípulos de Jesus. Por isso, a sua principal preocupação é viver esse discipulado como casal.

Para muitas pessoas, a aprendizagem é um assunto individual ou até privado. Dizem: «Eu cá tenho a minha religião. Não quero que os outros se metam na minha prática da religião, porque eu também não me meto na vida dos outros». Esta é uma atitude que chega até a entrar na intimidade do matrimónio. O homem diz: «A religião da minha mulher é um assunto privado». A mulher diz: «Deixo ao meu marido completa liberdade no que respeita a religião». Mas isso não é viver em conjunto. O matrimónio, visto do alto, é Deus a criar uma nova comunhão entre duas pessoas, de maneira que, através dessa comunhão visível e palpável, um novo sinal seja apresentado ao mundo para indicar às pessoas o amor de Deus.

Quando duas pessoas se comprometem a viver as suas vidas em conjunto, começa a existir uma nova realidade. «Eles tornam-se uma só carne», diz Jesus. Isto significa que a sua unidade cria um novo lugar sagrado. Muitas relações são como dedos cruzados. Duas pessoas agarram-se uma a outra como duas mãos que se cruzam de medo. Ligam-se uma à outra porque não

conseguem sobreviver individualmente. Mas, ao ligarem-se, compreendem também que não podem acabar com a individualidade de cada uma. E é então que surgem os atritos e a tensão aumenta. Com frequência, o resultado final é a separação.

Mas Deus chama o homem e a mulher a uma relação diferente. É uma relação que faz lembrar duas mãos que se juntam numa prece. As pontas dos dedos tocam-se, mas as mãos podem criar um espaço, a semelhança duma pequena tenda. Esse espaço é criado pelo amor e não pelo medo. O matrimónio deve assim criar um espaço novo e aberto onde o amor de Deus se pode revelar ao «estranho»: o filho, o amigo, a visita.

Este matrimónio torna-se assim um testemunho do desejo que Deus tem de estar connosco como um amigo fiel.

6. Escolher os nossos amigos

A vida espiritual é uma das escolhas que é preciso fazer constantemente. Uma das mais importantes escolhas é a das pessoas com quem desenvolvemos relações íntimas muito próximas. Dispomos apenas de uma quantidade de tempo limitado na vida. Com quem é que o passamos e como? Esta é provavelmente uma das mais decisivas questões da nossa vida. Não é sem razão que os pais estão muito preocupados com quem é que os filhos trazem para casa como colegas, amigos ou namorados. Eles sabem que muita da felicidade dos seus filhos depende daqueles que escolhem como companheiros.

A quem devemos recorrer para nos aconselharmos? Com quem e que passamos as nossas tardes livres? Com quem é que vamos de férias? Às vezes, falamos ou agimos como se tivéssemos poucas hipóteses de escolha nessa matéria. Às vezes, agimos como se já tivéssemos muita sorte por haver alguém que queira ser nosso amigo, Mas esta é uma atitude muito passiva e até fatalista. Se realmente acreditamos que Deus nos ama com um amor ilimitado e incondicional, então podemos ter a certeza de que há neste mundo mulheres ou homens que estão ansiosos por nos manifestar esse amor. Mas não podemos proceder passivamente e esperar que alguém apareça para nos oferecer a sua amizade. Como pessoas que acreditam no amor de Deus, temos de ter a coragem e a confiança para dizer a alguém, através do qual o amor de Deus se nos torna visível: «Gostaria de te conhecer, gostaria de passar algum tempo contigo. Gostaria de ser teu amigo. Tu o que é que pensas?».

Haverá recusas, haverá a dor da rejeição. Mas, se queremos, de facto, evitar todas as recusas e todas as rejeições, nunca criaremos um ambiente onde possamos crescer mais fortes e profundos no amor. Deus tornou-se humano para fazer com que pudéssemos como que tocar o amor divino. E isso mesmo a Encarnação. E a Encarnação não aconteceu só há muito tempo, mas continua a acontecer para aqueles que acreditam que Deus lhes porá no caminho os amigos de que precisam. Mas a escolha é nossa.

HENRY J. M. NOUWEN, *Aqui e agora, Vida no Espírito, Paulinas, 2006, 4ª ed., cap. X, Relacionamento, pp. 133-142*